

Vol 6, Num 02
Edição Julho – Dezembro 2015
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

Como citar este artigo: OLIVEIRA, Klycia Fontenele. Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 06, n. 02, pp. 127-152, jul./dez. 2015.

Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira¹

Recebido em: 27 de outubro de 2015.
Aprovado em: 10 de dezembro de 2015.

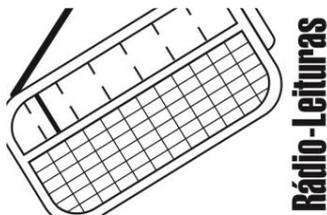
Resumo

Este artigo apresenta as trajetórias das radiocom 103,5 e 87,9 FM, vivenciadas por comunicadores do bairro Antônio Bezerra, localizado na periferia de Fortaleza-Ceará. O intuito é refletir sobre como a existência de projetos coletivos incide na compreensão do papel social que comunicadores de radiocom devem assumir, entendendo que são eles os responsáveis por direcionar os caminhos da experiência comunicativa. Para tanto, utilizaram-se relatos de memória dos comunicadores envolvidos, colhidos em entrevistas realizadas entre 2013 e 2015.

Palavras-chave: radiocom; relatos de memória; bairro Antônio Bezerra

Bairro da periferia de Fortaleza, o Antônio Bezerra é palco de experiências comunicativas distanciadas da dinâmica do capital que orienta a mídia, entendida aqui na relação comunicação, tecnologia e mercado. Entre elas, as Rádio Comunitária

¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). Especialista em Jornalismo Político (Gama Filho - Posead) e em Teorias da Comunicação e da Imagem (UFC). Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo (UFC). Professora de Comunicação Social da FAC (Faculdade Cearense) e tutora de curso de pós-graduação em Comunicação Social à distância (Gama Filho - Posead). Email: klyciafontenele@gmail.com



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

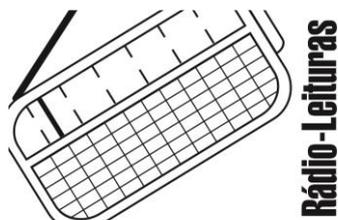
Klycia Fontenele Oliveira

Antônio Bezerra 103,5 FM que funcionou de 1999 a 2006 e a Costa Oeste 87,9 FM, na ativa desde 2002. Distanciar-se da lógica de mercado, porém, não é garantia de uma conduta em prol da coletividade, que conteste o *status quo* e tenha como fim transformações sociais. Afinal, os produtos de experiências contemporâneas de comunicação alternativas as do mercado, geralmente, estão bem próximos ao que é instituído pela indústria cultural, demonstrando o poder de padronização que a cultura industrializada possui devido à sua posição hegemônica e ligação intrínseca com o sistema das mercadorias.

Assim, tendo em vista a importância de estar atento não somente aos objetos culturais – mas fundamentalmente ao “jogo de relações culturais”, pois “o que conta é a luta de classes na cultura e em torno dela” (HALL, 2003, p. 258) –, é interessante analisar não somente os produtos das experiências, mas suas trajetórias e dinâmicas. Optou-se, então, por observar como os comunicadores veem as experiências das quais fizeram ou fazem parte, entendendo que devem ser eles a direcionarem os caminhos que cada meio de comunicação deva seguir. Com base em suas recordações, este artigo apresenta pontos em comum entre as trajetórias das emissoras, refletindo sobre como a existência de projetos coletivos incide na compreensão do papel social que comunicador de radiocom deve assumir.

1. Entre a legalização e a legitimidade

Desde o primeiro registro do uso não oficial do rádio no Brasil em 1931, o país acumula experiências radiofônicas clandestinas. Entre 1950 e 1960, por exemplo, duas vertentes se tornaram predominantes. As rádios ligadas à igreja católica que reuniam ideias e ações de mobilização social, associadas à evangelização, e aquelas “mais laicas, vinculadas a organizações trabalhistas, como os sindicatos, cujo conteúdo da programação é político-informativo.” (COGO, 1998, p. 58-66). Mas, foi, entre 1980 e 1990, que o caráter contestatório da radiodifusão clandestina se intensificou no Brasil, inspirado por experiências de uso extraoficial do rádio que se alastravam pelo mundo desde 1970.



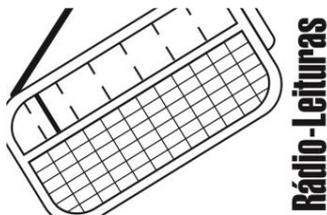
Na Europa, a Itália de 1975, por exemplo, viu crescerem duas maneiras de fazer rádio. As emissoras comerciais e aquelas ligadas a movimentos contestatórios, revelando que “a utilização eminentemente de oposição política do rádio clandestino abriu espaço para uma proposta política com ênfase nas expressões culturais plurais de movimentos sociais e culturais populares.” (OLIVEIRA, 2007, p. 58). Mas, as chamadas rádios livres não se constituíram como movimento uniforme.

Na Inglaterra, ao contrário do que acontecia na Itália, o movimento tinha uma conotação comercial. Resquícios do movimento inglês de rádios piratas dos anos 1950, que representou uma tentativa de instalar na Inglaterra o estilo comercial das rádios norte-americanas financiadas por multinacionais, como a Ford. “Esse fenômeno procurou derrubar o modelo estatal e clássico do rádio europeu.” (OLIVEIRA, 2007, p. 61). Tais experiências – que pese suas particularidades – tinham em comum a crítica ao monopólio da comunicação nas mãos do Estado.

As experiências brasileiras seguiram essa tendência e estimularam articulações em prol da democratização da comunicação ao integrarem o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) em 1993. Em 1996, a criação da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço) aproximou, ainda mais, as experiências das rádios livres de outros movimentos sociais e culturais que passaram a organizar rádios comunitárias populares naquela década.

Já a legalização das radiocom no Brasil se confirmou quando o Serviço de Radiodifusão Comunitária foi instituído pela lei 9.612, assinada pelo então presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, em 19 de fevereiro de 1998 (OBSCOMCOM, 2015). A nova legislação contribuiu para uma nova configuração do movimento de radiocom, inclusive, fortalecendo a diversificação dos tipos de experiências radiofônicas extraoficiais.

Mas, além de rádios vinculadas aos movimentos sociais e culturais populares surgiram “emissoras financiadas e promovidas por políticos, comerciantes e religiões evangélicas. Na verdade, esses tipos passaram a constituir a maioria das emissoras.” (OLIVEIRA, 2007, p. 67). Ademais, a legislação nasceu da correlação de forças entre o



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

movimento de rádios comunitárias e setores da sociedade ligados à comunicação hegemônica e o que deveria ser um avanço, acabou por restringir em muitos aspectos as radiocom. Visto que os artigos

regulamentam a radiodifusão comunitária sob condições restritas: de potência [máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros], participação da sociedade civil, formação de redes, garantias de funcionamento na zona rural, possibilidades de explorar os apoios comerciais etc. [...] essa lei recebeu o protesto do movimento de rádios comunitárias (OLIVEIRA, 2007, p. 67).

Apesar das críticas, a lei definiu o que seria uma rádio comunitária; seus princípios, funções e teor da programação. Muito embora, não tenha explicitado uma compreensão sobre “comunidade”, exceto, no parágrafo 2º do Artigo 1º, quando ao especificar o termo “cobertura restrita”, associa comunidade à ideia de espaço físico, no caso, um “bairro e/ou vila” (OBSCOMCOM, 2015).

A exigência da concessão legal fez com que muitas emissoras procurassem seguir a legislação. A corrida pela legalização – que não aconteceu somente no âmbito do judiciário – expôs conflitos de ordem política, principalmente pela interferência de deputados que facilitavam (e ainda facilitam) a outorga de determinadas emissoras em troca de favores políticos, como apoio em épocas eleitorais. Em conluio com essa barganha politqueira, a burocracia estatal foi empecilho para que experiências de rádios comunitárias – que tinham, inclusive, reconhecimento dentro do movimento de radiocom e das comunidades das quais faziam parte – não fossem legalizadas.

Isso aconteceu com a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM, primeira experiência de radiocom daquele bairro, que foi fechada pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) em 12 de dezembro de 2005. Mas logo em seguida, foi reaberta sem autorização, o que resultou na prisão do diretor presidente da rádio, Rondinelle Mendes de Araújo, em 25 de janeiro de 2006, sendo este processado pelo Ministério Público (TRF, 2010), que fechou definitivamente a emissora.

Além do reconhecimento legal, as rádios comunitárias precisam estar legitimadas perante a comunidade da qual fazem parte, fundamental para alcançar

audiência e fortalecer o poder de intervenção desses veículos. Nesse sentido, a construção da legitimidade pode ser mais importante do que a outorga do sinal. Para tanto, procuram dinamizar a vida local, fazendo referência a ruas, estabelecimentos comerciais, a pessoas e/ou a acontecimentos do lugar, tornando visíveis cotidianos pouco lembrados na mídia.

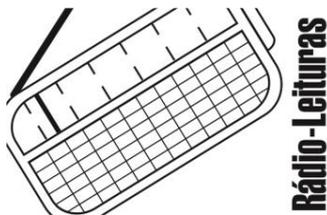
Entretanto, fazem isso numa relação direta com a indústria cultural. Assim, “o universo das rádios comunitárias, cuja proposta é romper diversos níveis de restrições: culturais, econômicas, políticas, informacionais, pelo descompromisso com a obtenção de lucro que marca os veículos comerciais” (MATOS, 2011, p. 46) não impede que as radiocom se constituam como um mercado.

Ademais, o costume de arrendar horário na programação para manter a estrutura e o funcionamento das emissoras é cada vez mais corriqueiro. Ressalta-se, porém, que de acordo com a legislação, as radiocom são impedidas de obterem lucro. Muito embora – segundo o Código de Ética da Abraço – seja necessário que as emissoras encontrem meios para garantir sua autonomia financeira, sem estabelecer vínculos de dependência com possíveis financiadores.

De uma maneira geral, as disputas entre legalidade e legitimação, estratégias de sobrevivência e autonomia político-financeira estão presentes nas experiências de radiocom brasileiras. Com apenas dez radiocom autorizadas a funcionar – sete com licença definitiva e três provisória (OBSCOMCOM, 2015) –, o contexto de Fortaleza, em especial o do bairro Antônio Bezerra, não é diferente do restante do país.

2. Da 103,5 a 87,9 FM

Com licença provisória desde 2002 e ligada formalmente à Associação Cultural de Santa Edwirges, a Costa Oeste 87,9 FM já vivenciou várias fases. Os primeiros anos de legalidade (2002 a 2006); a fase de maior atuação social (2006 a 2009); uma terceira (2009 a 2012) quando foi arrendada pelo vereador Adail Júnior; a tentativa de retomar a audiência (2013 a 2014); e a fase atual (2015) em que ela estaria arrendada a um grupo evangélico.



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

Intitula-se uma *rádio verdadeiramente do povo* e frases, como *Esta é a Nossa Rádio, Uma emissora da Associação Cultural Santa Edwirges, A rádio da comunidade do Antônio Bezerra*, acompanham o nome da emissora em vinhetas institucionais². O discurso engajado, porém, não revela os conflitos e contradições em torno da 87,9 FM cuja trajetória está marcada por disputas de diversas ordens, principalmente, política.

[...] a rádio Costa Oeste FM era uma rádio pertencente à associação... ainda é. Mas tinha pessoa que trabalhava não pro benefício da rádio, trabalhava com outros objetivos. E isso foi desestruturando a rádio e não zelou pela rádio comunitária. Houve, assim, uma má administração [...] e as pessoas abandonaram a Costa Oeste (Francisco Tavares, entrevista em 22/06/2013).

Chico Tavares, atual administrador da emissora e locutor do programa semanal *Manhã 87*, refere-se ao período de 2009 a 2012 quando a emissora foi arrendada pelo vereador Adail Júnior. Rondinelle Mendes, que dirigiu a radiocom de 2006 a 2008, corrobora essa afirmação.

A rádio teve um período aí muito distante da comunidade porque em determinado momento, a política eleitoral atrapalhou. Houve aquela disputa nossa porque eu já tinha sido candidato e já existia aqui um vereador eleito, e ficou essa disputa nossa com a questão da rádio aqui. Acabamos que eu tive que ir cuidar de outras atividades na comunidade e a rádio perdeu foco. [...] Então, houve essa queda. Nunca mais teve uma blitz, nunca mais ninguém viu a rádio fazendo uma reportagem sobre um problema no nosso bairro (Rondinelle Mendes, entrevista em 22/06/2013).

Com relação às ações sociais, o ex-diretor se refere ao programa *Rondinelle em Ação por um Mundo Melhor*, que comandava aos sábados desde a época da Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM, emissora que ajudou a fundar e que dirigiu durante os seis anos de seu funcionamento. O nome sugestivo denota forte personificação na figura do comunicador, que não esconde a intenção política-eleitoral.

² Seção Rádio, site da Costa Oeste FM 87,9. Disponível em: <<http://www.costaouestefm87.com.br/a-radio>>. Acesso: 28/05/2015. As vinhetas a que me refiro foram ouvidas entre maio e julho de 2015.

Eu iniciei este programa desde 2003 [na 103,5] e este nome vem pelo fato de a gente ter um trabalho muito voltado para ações como esporte, cultura e até de infraestrutura; que nós buscamos representar a comunidade nesses segmentos, eu acabei que personalizando, também com o objetivo de dar visibilidade ao nome, por causa de que eu tenho uma raiz política de meu avô³. [...] Eu sou filho neto, fui criado por ele, dei continuidade ao trabalho dele. Por isso, eu tive que manter também um programa na rádio comunitária para manter a tradição e manter viva a nossa vida eleitoral (Rondinelle Mendes, entrevista em 22/06/2013).

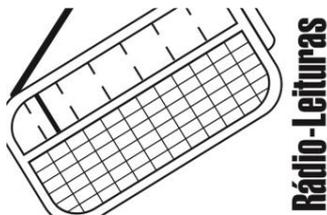
As explícitas intenções eleitorais não se concretizaram em votos para Rondinelle que perdeu as duas eleições quando se candidatou a vereador. Mas, há um reconhecimento, entre os comunicadores, das intervenções sociais feitas por ele, através do programa e das radiocom que dirigiu.

[...] a gente trabalhou aqui com uma equipe muito boa onde a Costa Oeste tinha uma audiência muito fechada [fiel] aqui no bairro do Antônio Bezerra e bairros adjacentes [...] nós fazíamos blitz, ações sociais, corte de cabelo, [retirada de] documentação, [doação de] sangue (Francisco Tavares, entrevista em 22/06/2013).

A fase de sintonia com questões mais coletivas do bairro tem ligação direta com a história de intervenções protagonizada pela 103,5 FM quando o bairro vivenciava sua primeira experiência de radiocom. “Oficialmente não tinha veículo de comunicação e a gente tentou levar informações para o ouvinte [...] a gente começou algo novo, todo mundo queria ouvir a nossa rádio.” (Valentim Santos, entrevista em 13/01/2015). As lembranças sobre a 103,5, que começou de forma rudimentar, apontam para uma forte interferência que a rádio tinha no cotidiano do Antônio Bezerra, como relatou Rondinelle Mendes (*apud* MATOS, 2011, p. 201-204).

Começamos aqui nesse local de forma bem caseira mesmo. A torre era um ferro de 5 metros, já tinha esses equipamentos aqui [...] Nós temos um clube aqui no bairro chamado Grab [Grupo Recreativo de Antônio Bezerra], que foi fundado pelo meu avô, pelos irmãos dele

³ Edmar Mendes Filho, Didi do Frifor, foi vereador por três mandatos com expressiva votação no Antônio Bezerra, onde morou de 1940 a 2000.



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

[...] e nós construímos lá o estúdio da rádio com o nosso próprio dinheiro, com promoções. [...] A gente começou todo um envolvimento com a comunidade, o pessoal começou a gostar da rádio porque você do bairro ouvir o seu nome na rádio, o nome do seu filho que está jogando futebol, isso passa a cativar. [...] Tudo que a gente promovia a comunidade apoiava. [...] Começou a aparecer gente aí de todo canto dizendo “eu faço programa de reggae, eu faço programa de forró, eu faço programa de rock, eu faço programa de pagode”. [...] Aí a nossa rádio foi adquirindo credibilidade, audiência [...].

A 103,5 chegou a envolver 18 comunicadores, mas, funcionava ilegalmente, apesar das tentativas de legalizá-la.

[...] implantamos a rádio comunitária em 1999. Eu tive que construir uma entidade que se chamava Associação dos Jovens do Antônio Bezerra para poder tentar legalizar a rádio comunitária. Era todo um processo em Brasília, toda uma dificuldade para tentar legalizar, mesmo assim, encaminhamos todos os documentos, as assinaturas da comunidade, do padre, de autoridades do bairro, de comerciantes para a gente obter a concessão no Ministério das Comunicações (Rondinelle Mendes, entrevista em 22/06/2013).

A outorga não veio e a 103,5 foi fechada em 2006. Rondinelle e outros comunicadores migraram para a Costa Oeste 87,9 FM que possuía licença provisória.

Em torno de 2003, a rádio Costa Oeste [...] recebeu autorização, porém, do outro lado do Antônio Bezerra⁴. [...] a rádio que a gente tinha dado entrada jamais poderia receber a concessão porque o Ministério só autoriza uma rádio por bairro. Aí fizemos a fusão (Rondinelle Mendes, entrevista em 22/06/2013).

A união das duas emissoras trouxe benefícios para os envolvidos. A Costa Oeste passou a ter comunicadores mais experientes e que já tinham certa inserção no bairro; já estes ganharam do ponto de vista técnico. “Foi uma aprimoração. Até mesmo porque a antiga rádio de certa forma era assim um pouco com a característica caseira.

⁴ A Costa Oeste funcionava no Padre Andrade, bairro vizinho ao Antônio Bezerra que também integra o Distrito do Antônio Bezerra.

Passar prum prédio, com características mais profissionais, foi uma mudança bem importante.”. Relembra o comunicador Jailson Pereira, que esteve à frente de três programas (*Consciência Ecológica*, *A Voz da Comunidade* e *Informática Livre*); primeiro na 103,5, depois na Costa Oeste (entrevista em 24/01/2015).

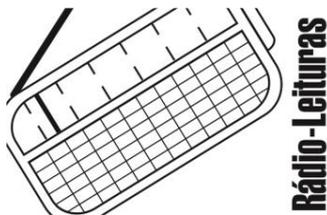
De 2006 a 2008, a Costa Oeste viveria seus anos áureos, com vários programas de cunho comunitário-social inspirados na 103,5. Jailson recorda a fase do *Consciência Ecológica* – comandado por ele e Valentim Santos – que motivava a participação dos ouvintes e dos convidados, com ações além do estúdio.

[...] eu me lembro de um evento no próprio *Consciência Ecológica*, [...] uma árvore muito bonita aqui no bairro [...] O cara queria derrubar porque achava que era dele e tudo mais [...] Nessa época, eu fiz uma poesia, que foi assim, uma poesia de protesto e o pessoal gostaram dessa poesia e fizeram xerox e espalharam. E acabou até comovendo. Eu não digo assim que foi a poesia em si, mas o movimento [...] O rapaz desistiu, deixou a árvore só pela metade, não cortou toda. E hoje em dia ela tá recuperada. É um pé de tamarindo no lado de cá (Jailson Pereira, entrevista em 24/01/2015).

A junção deu tão certo que, para a maioria dos comunicadores, a Costa Oeste seria a continuação da 103,5 FM. Ela seria

um embrião [...] Ela não tinha registro [...] Nessa época, eu estava fazendo História na UVA [Universidade Vale do Acaraú], aí tivemos a ideia de um grupo universitário criar um programa de rádio voltado para o meio ambiente, o *Consciência Ecológica*. A gente fazia dia de sábado. O programa trazia o pessoal da Semace [Secretaria do Meio Ambiente], a gente trazia ambientalistas... Um movimento que foi bom, porque a gente começou a trabalhar a educação ambiental, através das ondas do rádio. Depois veio a Costa Oeste FM, aí eu recebi um convite para ir pra rádio Metropolitana, e eu aceitei, porque era uma cadeia com 36 emissoras e aí o programa cresceu a nível estadual (Valentim dos Santos, entrevista em 13/01/2015).

Apesar da saída para a rádio Metropolitana, o *Consciência Ecológica* deixou frutos, como o Grupo de Educação Ambiental (Gedam) que, há nove anos desenvolve, no bairro, ações educativas para preservação do meio ambiente. A migração para um



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

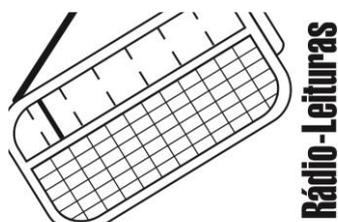
emissora maior, porém, é um indicativo de que não havia obrigação de se ficar restrito aos bairros que a radiocom alcançava. Apesar de Valentim e Jailson perceberem que o programa era significativo para o Antônio Bezerra e adjacências, eles entendiam que o tema meio ambiente extrapolava os limites de uma radiocom.

Como esse, tantos outros temas, problemas e demandas de comunidades não podem ser tratados de forma isolada; ainda mais quando são cada vez mais articuladas as redes de uma cidade. Além disso, quando se trata de experiências comunicativas, é ainda mais difícil (e até infrutífero) esse isolamento, principalmente porque a tendência, especialmente com o desenvolvimento das tecnologias digitais, é de que veículos de comunicação ampliem seus limites de alcance e intervenção.

Por conseguinte, a ideia de comunidade isolada ou pura é cada vez mais abstrata diante da dinâmica globalizante em que vive a sociedade contemporânea. Mas, a delimitação de grupos como comunidade reforça elos identitários e de afetividades, fortalece os referenciais com o lugar e pode contribuir para a organização e mobilização social dos indivíduos. Nesse sentido, organizar-se como comunidade pode ser estratégico para interesses coletivos de mobilizações ou movimentos sociais. Entretanto, essa estratégia precisa ser tratada com muita atenção sob o risco de restringir o poder de intervenção diante de uma situação mais macro.

Outro programa que se destacou à época foi o *A Voz da Comunidade*, que começou com o Rondinelle, mas que ganhou repercussão quando comandado por Jailson e Valentim. Diário, veiculado ao meio dia, trazia convidados para debater temas polêmicos e divulgava o que acontecia no bairro, dando ênfase aos problemas e demandas dos moradores.

A gente fazia reivindicações do que interessava à comunidade [...] A gente tentava assim ser um programa participativo com a comunidade onde nós, digamos assim, eu e o Valentim Santos, não somente tínhamos a voz, mas as pessoas participavam. [...] dava, digamos, bastante audiência, porque não era só a gente que falava, as pessoas falavam, reclamava. [...] Tinha gente que vinha até para o estúdio para poder ver, não só ouvir, mas também ver de perto o convidado que a gente trazia. E a gente fazia de um jeito que as pessoas participassem (Jailson Pereira, entrevista em 24/01/2015).

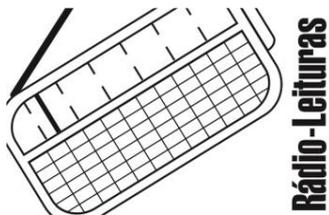


O programa tinha ainda uma particularidade: não era arrendado, ou seja, a radiocom mantinha aquele horário e não era necessário que seus locutores procurassem apoios culturais para financiá-lo. Por outro lado, a diretoria interferia no andamento do programa que, apesar de ser comandado por Valentim e Jailson, pertencia à emissora. Foi assim que, no auge de sua audiência, ele mudou de horário, passando a ser veiculado à noite sob o argumento de que teria mais audiência, pois as pessoas estariam em casa. A mudança de horário impediu a permanência dos locutores e, em pouco tempo, o perfil do programa também mudou, passando a ter mais música do que informação e debate.

O aluguel de horários permite que as radiocom permaneçam com a programação completa, ficando no ar grande parte do dia e da noite, e obtenham recursos para a manutenção de equipamentos e, eventualmente, pagar algum serviço ou funcionário de que necessitem. Entretanto, passa a prevalecer a lei do dinheiro: quem tem como pagar pode ter um programa e o vínculo entre programas/emissora e coletividade se torna mais frágil, haja vista que a definição da programação passa a ser norteadada pelo que está ou não arrendado ou por quem pode ou não arrendar.

Por outro lado, abre-se a possibilidade de uma variedade maior na programação, com programas musicais, informativos, religiosos, esportivos, policiais... Isso não significa dizer que essa diversidade sinalize variações de conteúdo e estética, porque as padronizações da indústria cultural ganham mais força quando não há uma orientação de resistência organizada. Assim, a ideia de projetos coletivos fica em segundo plano, muito embora, os programas tenham que seguir a regulamentação brasileira de que as radiocom devem fortalecer a comunidade a que se destinam.

Nas ações humanas, interesses particulares estão inevitavelmente presentes. E, diante da natureza da prática comunicativa mediada pelos meios de comunicação – cujo domínio da técnica e uso da tecnologia restringe o número de emissores/participantes – a individualização se torna iminente. No caso das radiocom, a presença de um movimento social organizado ou pelo menos de grupos organizados



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

que desenvolvam juntos projetos coletivos, pode fazer a diferença na definição do perfil e papel assumidos pela emissora.

Na Costa Oeste de 2006 a 2008, apesar dos interesses individuais que motivavam a produção de programas, era bem presente o envolvimento dos comunicadores com os cotidianos do bairro. Indicativo de que alguns indivíduos – mais propícios “a se misturar” – constroem suas trajetórias numa relação bem próxima com as questões coletivas. Essa opção, cujas causas podem ser diversas, acaba por direcionar muitas das ações dessas pessoas a projetos coletivos que acabam por ganhar repercussão quando estão associadas a veículos de comunicação.

Foi isso o que aconteceu nessa fase da Costa Oeste. Além disso, os comunicadores afirmam que o trabalho era sempre voluntário e que a renda obtida com anunciantes era destinada a manter os programas.

[...] todos eles eram voluntários. E em certas épocas, tanto minha como no caso do Valentim, às vezes, a gente tinha que tirar do próprio bolso. Era um programa de hobby, mas era de interesse social, porque através desses programas, surgiram outros movimentos, então não era em nenhum momento, assim, que traria renda pra gente (Jailson Pereira, entrevista em 24/01/2015).

Depois das eleições municipais de 2008, no começo do ano seguinte, Rondinelle Mendes se afastou da Costa Oeste, revelando os conflitos diante das disputas eleitorais. “[...] o cara foi covarde com ele [Rondinelle]. Alugou os equipamentos por 500 e depois de um ano veio o vereador e alugou por 2 mil. E ele não tinha condições, porque tirava da programação... O cara entrou só pra prejudicar.” (Edmar Mendes Filho, o Didi do Frifor, entrevista em 18/12/ 2013).

O desabafo é do avô de Rondinelle, mas a maneira como se deu o arrendamento afastou comunicadores bem ativos na emissora. Entre eles, Jailson e Valentim.

[...] alguns comunicadores ainda permanecem, mas são poucos, eu digo, da época. A gente mantém vínculo ainda, amizade e tudo mais. [...] Mas, eu não vejo assim nenhum programa que seja assim de cunho social mesmo. Tem programas religiosos que sempre se manteve, né? Tanto evangélico como católico, mas, eu não vejo

assim nenhum programa que realmente seja de comunicação direta, com a participação da sociedade, como o programa *A Voz da Comunidade* fazia [...] Às vezes, eu sintonizo e eu não percebo essa participação que é a finalidade da rádio comunitária (Jailson Pereira, entrevista em 24/01/2015).

É bem fácil identificar que, como esta, outras mudanças no perfil da Costa Oeste tiveram forte conotação política, desde a época em que se conseguiu a concessão.

– Você lembra o ano em que a Costa Oeste realmente funcionou? [pergunta].

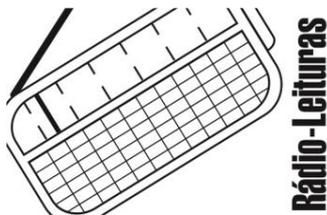
– 2003 a 2006, 2008. Depois, o Rondinelle deixou a rádio, porque na verdade a rádio é do Zé Gerardo [...] o deputado, marido da deputada Inês Arruda, que tinha a TV Metrôpole e a concessão de várias outras [rádios]. Foi através dele que se conseguiu uma concessão para uma rádio pra cá.

– Tem alguma associação comunitária aqui?

– Praticamente se acabaram todas, agora só existem ONGs (Valentim dos Santos, entrevista em 13/01/2015).

Já em 2013, Rondinelle Mendes volta à radiocom para novamente se afastar em 2014. Os motivos do novo afastamento não ficaram claros, mas é difícil achar que foi apenas coincidência que ele tenha se distanciado novamente em um ano eleitoral. O fato é que em 2013, quando voltou à rádio, vinha motivado pelo convite de Chico Tavares, que assumia a direção da 87,9.

Eu tenho muito conhecimento com o proprietário da associação, da concessão; e ele me chamou para reativar os nossos serviços. [...] Então, a gente tá resgatando a direção da emissora e vamos fazer com que ela seja uma rádio comunitária com seu valor, a sua rádio em defesa do povo. [...] Eu assumi dia 6 de maio [de 2013]. Então, a gente está assim reestruturando essa parte [da programação]. Já mudamos a mesa de som que ela tava com problema; já trocamos o microfone que também estava com problemas, não estava funcionando... E a gente vai tentando manter a rádio comunitária, a rádio do seu bairro Antônio Bezerra. Inclusive, a antena está comprometida, porque uma antena para ter um bom sinal, ela tem que ter quatro elementos e nós estamos funcionando apenas com dois elementos. Assim a gente perde a potência da emissora, porque



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

com quatro elementos, a gente fecha a frequência. Nós atravessamos o bairro que é permitido pela Anatel, aí nós estamos comprometidos nos bairros próximos, inclusive já foi providenciado... A gente já mandou fazer uma nova antena [...] com muito sacrifício. Mas com certeza, a gente fica feliz de voltar a abranger esses bairros aqui próximo do Antônio Bezerra, porque os ouvintes reclamam direto. Sentem saudade da Costa Oeste e eu vim aqui com esse objetivo de dar mais qualidade de som, de programação e, com certeza, a gente trabalha dessa forma (Francisco Tavares, entrevista em 22/06/2013).

De 2013 para cá, o novo diretor vem tentando reorganizar a rádio. Pelo que conta, o primeiro momento foi ouvir as reclamações que chegavam dos ouvintes. Logo quando assumiu, Chico Tavares transparecia a preocupação em diversificar a programação e a emissora voltar a ter programas ligados a ações sociais para que a Costa Oeste voltasse a ter audiência e a ser reconhecida por essas ações. Alguns dos planos não se concretizaram, como os carros para reportagens; e programas, como *Gibão de Couro* e *Rondinelle em Ação por um Mundo Melhor*, até foram produzidos, mas não permaneceram até 2015.

Chico Tavares, porém, continua administrando a emissora com a preocupação de ela não cair, novamente, nas tramas eleitorais.

[...] Nós não vamos trabalhar no termo política, porque a rádio comunitária não trabalha com política. É porque tem gente, às vezes, que se aproveita da oportunidade de pegar uma rádio comunitária no bairro na época de eleição e trabalham no objetivo deles, em termos de campanha, usando uma rádio comunitária e isso nem é permitido pelo Ministério das Comunicações. E isso foi o maior problema daqui, da Costa Oeste FM (Francisco Tavares, entrevista em 22/06/2013).

Mas, as experiências com radiocom no Antônio Bezerra, como é de praxe no movimento de radiocom em todo o Brasil, têm fortes ligações políticas. Quando as emissoras comunitárias se propõem a um trabalho de organização e mobilização social, por exemplo, a política, em um sentido mais laico, está presente. Além disso, as negociações para se conseguir a concessão pública e a instrumentalização das

emissoras em disputas eleitorais são dilemas vivenciados por elas⁵. Acredito que a preocupação de Chico Tavares seja com o mau uso da emissora para fins eleitoreiros, pois ele expressou certo orgulho ao falar das mobilizações encabeçadas pela Costa Oeste em anos anteriores.

Entretanto, os impasses em torno da Costa Oeste não se restringem ao campo político. Tony Almeida – que apresentava o *Show do Brega*, veiculado nas tardes de sábado entre 2013 e 2014 – foi bem enfático no primeiro contato que tive com ele.

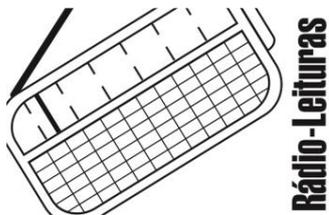
Não estou mais na Costa Oeste saí faz um bom tempo depois que eles arrendaram a rádio para os evangélicos [...] A rádio deixa de cumprir com as determinações da ANATEL quando há arrendamento, através de um "contrato de gaveta" (Tony Almeida, entrevista pelo *Facebook* em 08/06/2015).

Tony morava em um bairro vizinho, o Quintino Cunha e havia acabado de chegar de Minas Gerais quando se aproximou da emissora em 2013. Queria fazer um programa de rádio, pois já acumulava experiências como locutor.

Fiquei uns 6 meses lá, até arrendarem toda a rádio para os evangélicos [...] A Associação estava endividada até o pescoço o ex-diretor saiu e não pagou um monte de dívidas... então o Chico foi obrigado a arrendar... segundo eu soube em reunião que frequentei (Tony Almeida, entrevista pelo *Facebook* em 08/06/2015).

Atualmente, a emissora tem uma grade de programação em que predominam programas musicais e religiosos (católico e evangélico). Algo que chamou atenção foi o fato de grande parte dos horários da noite, sem programas fixos, veicularem somente músicas evangélicas. Percebem-se, ainda, sensíveis diferenças entre o que é veiculado na semana e fim de semana quando os horários estão mais cheios. Acredito que seja pelo fato de a maioria dos comunicadores exercer atividades profissionais durante a semana.

⁵ Nas eleições de 2014, a Costa Oeste não se envolveu diretamente com o pleito. Jailson chegou a dizer que se a radiocom tivesse se envolvido, os outros candidatos teriam denunciado a emissora.



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

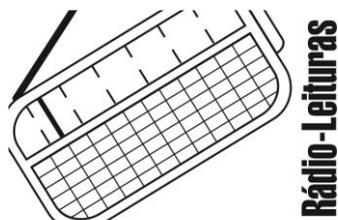
Klycia Fontenele Oliveira

Outro aspecto é que, na semana, há mais espaço para programas informativos, enquanto o fim de semana se reserva ao entretenimento. Isso acompanha o cotidiano da maior parte da população, que segue a dinâmica de produção e reprodução do capital cujos finais de semana estão destinados ao descanso ou ao lazer. Os programas de domingo me chamaram mais atenção pela interferência maior dos locutores e por perceber uma participação mais frequente do ouvinte.

A emissora tem, ainda, um site (<http://www.costaoestefm87.com.br/>) com transmissão *on line*; uma página no *Facebook*; e seu sinal também está disponível em outro site (<www.rádios.com.br>) que reúne várias emissoras do Ceará. Tais inserções sinalizam que a 87,9 acompanha a tendência de inclusão na internet e nas redes sociais, de grande parte das rádios brasileiras. Quem somente escuta ou navega pelo site e *Fanpage* da Costa Oeste não consegue imaginar que a emissora se ressinta pelo tempo em que ficou distante dos moradores do bairro e dos comunicadores mais antigos.

Os horários na programação da Costa Oeste acompanham o que se convencionou nas emissoras comerciais – programa policial na hora do almoço, oração do terço às 18h. Ademais, os programas seguem uma estética (até mesmo nos trejeitos das locuções) bem similar a das rádios comerciais, indicando uma relação muito estreita com os modelos da indústria cultural; relação que não ousa chamar de diálogo.

Mas, há muitas referências à “comunidade do Antônio Bezerra”. Elas estão nas vinhetas institucionais e na divulgação de serviços de utilidade pública, como a campanha para doação de sangue para o Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará (Hemoce), da qual a emissora participa. Há, ainda, a divulgação de eventos locais, como o Arraiá da Paz, promovido pela Comunidade Católica dos Filhos da Rainha da Paz. Também é possível escutar vinhetas educativas, como as que trazem dicas de saúde, mas coincidência ou não, as vezes que as escutei foi logo após a veiculação de anúncios de farmácias ou de óticas.



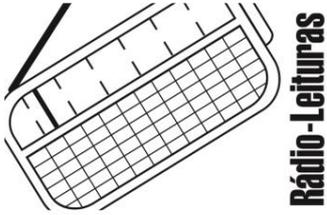
A relação com o cotidiano local também é percebida pelos anúncios que sustentam os programas. Quase todos são de comércios do bairro ou de bairros vizinhos, como o Júlia Lanches (“na Hugo Vitor – box 8, perto do campo Rio Branco”) e o Robério das Portas (“tudo para o seu carro”). Estabelecimentos que são anunciados como apoios culturais do *Forrozão 87*, veiculado de segunda à sexta, das 16h às 18h, e que tinha à frente a comunicadora Biby Freitas⁶. Ou ainda a Farmácia Frota (“na Cândido Maia, próximo ao Frotinha do Antônio Bezerra”) e os serviços da “amiga e corretora de imóveis, Fátima Pinheiro”; anunciados por Javan Alencar, em seu *Destaque Musical*, que é veiculado de segunda à sexta, das 10h às 12h. Bem como, a Ótica Kilvia, anunciante do programa *Manhã 87*, de Chico Tavares, que vai ao ar todos os dias da semana, de 6h às 10h.

Outra identificação com o bairro observada foi o convite, feito pelos comunicadores, àqueles que “têm vontade de trabalhar no rádio”; que “quer ser um comunicador da sua Costa Oeste FM”. Fica explícito que o fato de morar no bairro já credencia essas pessoas a entrarem na rádio, bastando apenas ter vontade de participar. Muito embora, também seja dito: “acerte com o diretor tudo certim”; “a rádio comunitária está aí para quem quer trabalhar”, indicativo dos arrendamentos de horários.

Além disso, vira e mexe, há o chamado à participação do ouvinte, que é convidado inclusive a ir à emissora. No *Terço Mariano*, por exemplo, é frequente a fala para “rezar conosco”. Nesse programa, há, ainda, um revezamento entre aqueles que acompanham o comunicador principal, Cláudio Ferreira; rezando com ele o terço no estúdio da rádio. Além disso, é sempre frisado que o *Terço Mariano* é uma “produção da comunidade da Capela de Santa Edwirges”, que fica no Antônio Bezerra.

Mas, os programas religiosos têm uma particularidade: eles aglutinam seus ouvintes pela crença e não somente por serem moradores do bairro; a comunidade é a da capela e não exatamente a do bairro, por exemplo. Isso é sentido também no

⁶ Em maio de 2015, Bibi Freitas estava à frente do programa, mas ela saiu da emissora em junho porque “não era carteira assinada” (18/07/2015).



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

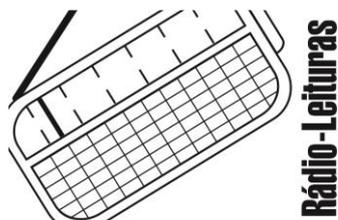
programa evangélico *O Amor de Jesus Cristo*, cujo comunicador é o Missionário Sebastian. Veiculado aos domingos, de 14h às 16h, o programa lembra os cultos evangélicos, com a leitura e reflexão de textos bíblicos. O curioso é que nesse programa, ouve-se forró gótico, sinal de que há outras identidades culturais envolvidas, além da religião.

Na Costa Oeste, há também informações rápidas sobre as coisas do bairro, como queda de energia elétrica, engarrafamento, transmitidas em programas como o *Destaque Musical*. Informações que diferenciam a Costa Oeste das demais rádios de Fortaleza, porque acabam por apresentar um cenário específico, o bairro Antônio Bezerra e suas imediações; “a comunidade que a radiocom alcança”, conforme diz Chico Tavares (2013).

Um aspecto, entretanto, chama atenção, a comunidade que a Costa Oeste alcança não está restrita ao bairro Antônio Bezerra. Escutando Genildo Benício cumprimentar seus ouvintes – no programa *O Samba pede Passagem*, veiculado aos domingos, de 12h às 14h –, é possível identificar os reflexos de a emissora estar na internet. Ele costuma mandar um oi para os “ouvintes de toda Fortaleza, do Ceará e quem está fora do estado”. Embora também faça referência direta ao bairro, ao citar bares e também o nome de ouvintes que moram no Antônio Bezerra e dizer frases do tipo: “Temperatura de 32 graus aqui no nosso Antônio Bezerra, clima agradável”.

Chama atenção também a quantidade de ouvintes do *Destaque Musical*. Nele, Javan Alencar vai listando os ouvintes que pedem música – por sinal, sua locução praticamente se restringe a dizer os pedidos musicais, a fazer os anúncios dos apoios culturais e comentários sobre as músicas pedidas, apesar de, esporadicamente, ler rápidas notícias locais. Mas, o que despertou a atenção foi a variedade de lugares onde os ouvintes moram: Antônio Bezerra, Presidente Kennedy, Jardim Iracema, Padre Andrade, Monte Castelo, Rio Branco, Olavo Oliveira, Henrique Jorge e até Tabapoá em Caucaia.

Não há como garantir que a variedade de ouvintes do *Destaque Musical* seja por causa do seu ecletismo – as músicas que veicula vão do forró, sertanejo, brega a hits

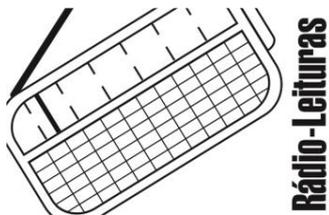


pop atuais e antigos – nem que tenha relação com a tecnologia do alcance da antena ou da rádio estar *on line*. Mas, o fato é que o programa atrai ouvintes de vários lugares, ampliando o alcance, por conseguinte, a comunidade da Costa Oeste para além do Antônio Bezerra.

A comunidade da emissora se alarga ainda mais quando percebemos que os ouvintes se aproximam da rádio não somente por questões de território, mas também pelo estilo de vida, preferências, crenças e gostos. Na 87,9 FM, as tribos têm horários para se encontrarem. Nesse sentido, outro programa que merece destaque é o *Show da Jovem Guarda*, transmitido aos domingos, de 10h às 12h, por Neto C. e Duda Sousa. Essencialmente musical, o programa segue a receita clássica de sortear, entre os ouvintes que participam, brindes doados pelos apoios culturais. Além de os locutores fazerem comentários sobre as músicas ou trazerem informações sobre a trajetória dos artistas – como a de Nilton Cesar, ídolo da Jovem Guarda e cantor de “Receba as flores que eu lhe dou”. Fórmulas para atrair os fãs daquele estilo musical.

Mas, esse programa tem uma peculiaridade interessante. Em vários momentos, os locutores fazem referência a suas crenças religiosas. Citam trechos do Evangelho e os comentam, além de usar expressões como “Deus me perdoe” ou “Deus te abençoe”. Eles também assumem uma postura de conselheiros ao darem opiniões sobre temas como relacionamento amoroso ou familiar. No programa, há divulgação de eventos em outros lugares da cidade – como os da Casa Nossa, uma casa de show na rua Tiradentes, Parque Araxá – e de anunciantes, a citar a Ótica Bóris cujas lojas estão espalhadas pela cidade. O programa parece reunir aqueles que gostam de Jovem Guarda, mas não necessariamente que morem no Antônio Bezerra.

A variedade de programas já permite que a Costa Oeste comece a ter novamente uma audiência cativa. Mas, acontece que a emissora ainda não recuperou a credibilidade junto a antigos comunicadores e a relação estreita com a religião evangélica parece piorar a situação. O comunicador Valentim Santos resume a situação da emissora da seguinte maneira: “O Rondinelle conseguiu colocar essa rádio aqui. Mas aí, ele saiu, o negócio caiu e muita gente hoje aqui nem sabe que a rádio existe. A



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

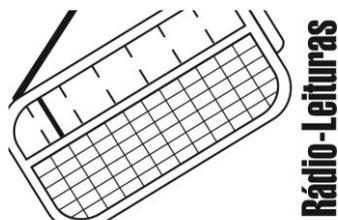
frequência tá sendo quase zero.” (entrevista em 13/01/2015). Há também certa descrença sobre a 87,9 voltar a “ser da comunidade”, atribuo isso ao fato de a Costa Oeste não ter mais programas com ações sociais que extrapolem os estúdios.

As histórias da 103,5 e da 87,9 se misturam nas recordações dos meus entrevistados. O passado da 87,9 FM mostra que a radiocom, seguindo os passos da 103,5, já foi mais próxima da comunidade e ajudou a construir uma imagem mais interessante sobre o Antônio Bezerra, mostrando-o como um bairro diverso, mas coeso e que se mobiliza quando é preciso. Mas, como o próprio Valentim diz, “essa rádio aqui já passou por altos e baixos [...]”.

Hoje, apesar dos saudosismos, descrenças ou até mesmo mágoas de alguns ex-comunicadores, a Costa Oeste segue seu rumo. Embora traga um discurso muito próximo ao da indústria cultural, apresentando um Antônio Bezerra difuso, fragmentado, muito igual a qualquer outro bairro de Fortaleza. E, embora esses elementos também representem o bairro, eles pouco ou nada contribuem para o fortalecimento dos laços afetivos e da autoestima dos moradores, pois a imagem do esfacelamento das relações sociais leva a um isolamento que imobiliza. E por mais que abra espaço a indivíduos e falem de assuntos que não encontram espaço na mídia (o que é louvável), a 87,9 FM reforça estigmas e contribui para a mesmice. Afinal, não estimula se assume como um espaço para reverberar a voz da comunidade local.

3. Das representações que as recordações sugerem

Cada indivíduo encontra caminhos próprios para lidar com as emoções e ideias provocadas pelo viver. Por isso, a singularidade de cada experiência não permite que ela se repita. Entretanto, é possível encontrar pontos em comum em narrativas sobre vivências compartilhadas e formatar trilhas interpretativas dos acontecimentos. Existe, ainda, uma distância entre o que se viveu e o que é relatado; não apenas pela natureza e estrutura dos discursos, mas também porque, nas percepções que idealizamos sobre nós e o outro, há sempre uma mescla entre o que se pensa que é e o que de fato é.

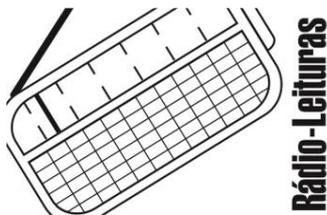


Relatos são antes interpretações, versões daquilo que se vive ou se observa. Mas, devem ser tratados como fontes, que precisam ser checadas, interpretadas e questionadas, do mesmo modo que documentos escritos, notícias, livros, diários, cartas etc. Por conseguinte, ao se apresentarem como concepções do passado, através de sequências narrativas, os relatos devem ser entendidos na relação entre o *sentido* que as narrativas produzem e a *forma* com que são narrados os fatos (ALBERTI, 2004).

Os comunicadores entrevistados apresentam relatos tão diferentes entre os primeiros anos e a fase atual da Costa Oeste 87,9 FM que é possível pensar que há duas rádios distintas. As lembranças das experiências vividas na produção e repercussão de antigos programas e na própria dinâmica de funcionamento da emissora constroem uma representação de radiocom mais coletiva, preocupada com o Antônio Bezerra e a serviço da comunidade. A fase da Costa Oeste entre 2006 e 2008 seria, pois, herdeira imediata do ímpeto que mobilizou a Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM.

A 103,5 é lembrada como “a rádio do Rondinelle”, do “pessoal do Rondinelle”. E, embora traga essa personificação na figura do diretor presidente, ela também é associada a outros comunicadores que eram conhecidos como “o grupo da rádio”. Havia, pois, uma ideia de coletivo a conduzir as ações da emissora. Como primeira experiência de radiocom no bairro, é dela o impacto que um veículo de comunicação causa ao ocupar espaços vazios. Como diz Valentim (2015), a rádio “mexeu com o bairro”; e apesar de ser vista como caseira, amadora, era apontada como fruto e instrumento de mobilização dos moradores.

A Costa Oeste teria herdado essa imagem porque, de 2006 a 2008, Rondinelle Mendes fora diretor daquela emissora e comunicadores, como Chico Tavares, Valentim Santos e Jailson Pereira, migraram para lá. Além disso, os comunicadores são unânimes em dizer que o arrendamento da rádio pelo vereador Adail Júnior (de 2009 a 2012) desencadeou o distanciamento da emissora. Mas, apesar de falarem do vereador, quase todos os comunicadores dos tempos áureos da Costa Oeste relatam que se afastaram da emissora por motivos pessoais.



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

Evitar conflitos eleitorais. Escolher entre ensinar na universidade ou continuar na rádio. Optar por uma emissora com maior alcance. Não encontrar tempo para manter a produção do programa. Atos individualizados que refletiram na atuação coletiva da emissora. Hoje, a 87,9 FM carregaria uma imagem de descrédito, quase nunca sendo apresentada como uma experiência de comunicação do bairro. É como se tivesse passado o tempo de comunidade da Costa Oeste, que agora estaria distante do cotidiano local.

Esse distanciamento está expresso na fala de ex-comunicadores e até mesmo daqueles que permanecem ligados à radiocom e que viveram as fases anteriores, como Chico Tavares. A diferença é que esses últimos expressam uma vontade de “erguer a emissora”, de “torná-la novamente a rádio do bairro”. Enquanto os demais apresentam uma descrença de que isso seja possível, pois a Costa Oeste, que teria se tornado “totalmente comercial”, sofreu, ainda, um grande golpe quando foi “vendida para os evangélicos” recentemente.

Entretanto, a Costa Oeste continua no ar e possui ouvintes que não se envolvem diretamente na produção da radiocom, mas que dão um *feedback* à emissora. No que consegui observar, ao ouvir a programação por exemplo, o retorno dos ouvintes é em geral positivo e, na *fanpage* da rádio, eles deixam comentários que demonstram um carinho pela emissora, por locutores e pelos programas. Mas, expressam uma afinidade com os programas, a partir de preferências religiosas ou musicais, e quase nenhuma referência ao bairro Antônio Bezerra é feita.

A atual fase da Costa Oeste – cujo perfil é distante do perfil da Rádio Comunitária Antônio Bezerra 103,5 FM e até mesmo dos seus primeiros anos de existência – mostra que “a cara” de qualquer veículo de comunicação, seja ele comunitário ou comercial, vai ser resultado da dinâmica entre aqueles que o fazem e aqueles que o consomem.

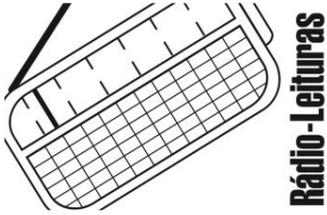
Considerações finais

Em suma, a Costa Oeste continua uma emissora comunitária, tanto legalmente como no discurso de quem dela faz parte. Mas, perdeu o sentido de radiocom como sinônimo de mobilização em prol da democratização da comunicação e como instrumento para dar visibilidade às reivindicações populares. Agora, de quem seria a responsabilidade por esse estado de coisas? Avalio que se ela “se perdeu”, “o vereador tomou de conta”, “ficou cheia de dívidas” ou se “foi vendida a evangélicos”; se tudo isso aconteceu foi resultado de ações e omissões não de um ou outro indivíduo, mas do coletivo como um todo.

Entretanto, não é essa a percepção dos antigos comunicadores, que se eximem da responsabilidade ao afirmarem que fizeram a parte deles, mas que isso foi antes. Eles não associam que a desaceleração das mobilizações em torno da Costa Oeste tenha forte ligação com a desmobilização deles próprios. A emissora ficara como uma boa lembrança, mas um momento que não volta mais. Considero que esse sentimento, em que prevalece o individual e não o coletivo, tenha estreita ligação com a prática de arrendar horários, presente desde o começo da Costa Oeste e à falta de um movimento social que impulsionasse a emissora.

Ao longo de seus 13 anos de existência, muitos comunicadores se integraram à emissora, em um fluxo bem intenso de entradas e saídas. Traziam motivações individuais e conseguiam horários na programação mediante negociação financeira. Assim, ao que tudo indica, o espaço da rádio foi ocupado sem uma preocupação coletiva com o bairro Antônio Bezerra, exceto nos anos de 2006 a 2008. Nesse sentido, individualizar a experiência comunicativa, sem observar o seu caráter coletivo, acaba fragilizando esses meios de comunicação.

Eles ficam vulneráveis às preferências, vontades e intenções individuais, e correm o risco de se tornarem instrumentos de grupos particulares. Quando isso acontece o prejuízo é grande, porque oficialmente são apresentados como da comunidade, do coletivo, enquanto na prática, seguem em direção oposta. Tal postura pode afastar aqueles que deveriam fazer parte dessas experiências, ou seja, os membros da comunidade, no caso, os moradores do Antônio Bezerra.



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

Da Costa Oeste, fica a imagem de que a radiocom é semelhante a qualquer rádio comercial pela falta de perspectivas de intervenção comunitária e pela reprodução da estética industrializada. Ela perde seu valor simbólico e ao invés de mobilizar, acaba desmobilizando, decepcionando. Entretanto, o fato de ser uma experiência com certa autonomia diante da lógica do mercado, feita por moradores, dá à Costa Oeste a possibilidade de se reinventar.

Se o passado da 87,9 FM mostra que a radiocom já foi próxima da comunidade e ajudou a construir uma imagem mais interessante sobre o Antônio Bezerra, mostrando-o como um bairro diverso, mas coeso e que se mobiliza quando é preciso. Ele revela também a necessidade de comunicadores organizados, com vistas em projetos coletivos em prol da comunidade. Sem esses sujeitos a radiocom fica restrita a uma autorização legal, que a legaliza, mas que não a legitima diante da comunidade a quem deveria servir esse meio de comunicação.

Referências

ABRAÇO, **Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária**. Site oficial. Disponível em: Disponível em: <<http://abraconacional.rom232.com.br/>>. Último acesso: 28/05/2015.

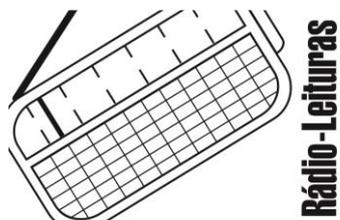
ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro-RJ: FGV, 2004.

COGO, Denise. **No ar...** uma rádio comunitária. São Paulo: Paulinas, 1998.

MATOS, Teresa Cristina Furtado. **Rádios Comunitárias**: sintonia dissonante e autoimagem. Coleção Textos nômades, vol. 5. Fortaleza-CE: Banco do Nordeste do Brasil, 2011.

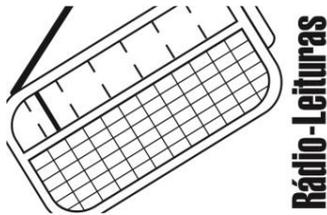
OBSCOMCOM, **Observatório de Comunicação Comunitária**. Site oficial. Disponível em: <<http://artigo19.org/obscomcom/radcom/mapa/includes/Imprime.php>>. Último acesso: 28/05/2015.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Escuta sonora** – recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.



Vol 6, Num 02
Edição Julho – Dezembro 2015
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

TRF, Tribunal Regional Federal – 5ª região. Apelação Criminal: ACR 5685 CE 0007690-442006.4.05.8100. In. **JusBrasil**, 2010. Disponível em: < <http://trf-5.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/14405438/apelacao-criminal-acr-5685-ce-0007690-4420064058100/inteiro-teor-102899420>>. Último acesso: 20/07/2015.



Da 103,5 a 87,9 FM: conquistas e percalços das experiências de radiocom no bairro Antônio Bezerra

Klycia Fontenele Oliveira

Abstract

This article presents the trajectories of community radio 103.5 and 87.9 FM, experienced by communicators from Antonio Bezerra neighborhood, located on the outskirts of Fortaleza, Ceará. The aim is to reflect on how the existence of collective projects focuses on understanding the social role that community radio communicators should take, understanding that they are responsible for directing the paths of communicative experience. To this end, they used memory reports of communicators involved, collected from interviews conducted between 2013 and 2015.

Keywords: community radio; Memory reports; Antonio Bezerra neighborhood

Resumen

Este artículo presenta las trayectorias de las radios comunitarias 103.5 y 87.9 FM, que experimentan los comunicadores barrio Antonio Bezerra, situado en las afueras de Fortaleza, Ceará. El objetivo es reflexionar sobre cómo la existencia de proyectos colectivos se centra en la comprensión de la función social que los comunicadores de radios comunitarias deben tomar, entendiendo que ellos son responsables de dirigir los caminos de la experiencia comunicativa. Para ello, utilizaron informes de memoria de los comunicadores involucrados, recogidos de entrevistas realizadas entre 2013 y 2015.

Palabras Clave: radios comunitarias; informes de memoria; barrio Antonio Bezerra